

Um ensaio sobre o filme *Girl* Identidade-diversidade-quem sou eu?

Regina Pereira Klarmann¹

Resumo: Este ensaio é uma compreensão dinâmica do filme *Girl* (2018), apresentado pela autora na Sociedade Psicanalítica de Brasília (setembro 2019). O filme é sobre a história de um adolescente tentando tornar-se mulher através da cirurgia de redesignação sexual. Através do balé, Victor representa o desejo de tornar-se Lara. A autora discute aspectos da identidade-subjetividade psíquica num drama humano, não tão atual, que se reatualiza na cultura contemporânea.

Palavras-chave: identidade, bissexualidade, transsexualidade, subjetividade, cultura

Sinopse do filme

Girl é um filme belga, de cunho dramático, dirigido por Lukas Dhont. Escrito por Dhont e Angelo Tijssens, foi exibido na mostra paralela *Un certain regard* no Festival de Cannes 2018. Foi premiado em vários festivais, bem como o personagem Victor que também recebeu destaque. O enredo é em torno de Lara, uma garota transgênero de 15 anos, que estuda numa prestigiosa academia de dança na Bélgica. O rigor para o treinamento como bailarina torna-se mais complicado assim que deseja realizar uma cirurgia de redesignação sexual. O filme foi inspirado na história real de uma pessoa transexual belga que, neste íterim, se tornou uma dançarina profissional de sucesso. Originalmente, o papel foi oferecido pela diretora à dançarina para atuar em um documentário sobre sua própria vida, mas ela recusou porque queria uma vida normal e sem exposição pública durante a juventude (Wikipédia, 2018).

Bélgica, maio de 2018: *Girl*, a história de Lara/Victor? Victor deseja ser Lara. Lara deseja ser bailarina. Lara que significa muda e vitoriosa. O

1 Psicóloga, psicanalista. Membro efetivo da Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre (SPPA). Docente e supervisora do IEPP.



assunto do filme aborda as questões, não tão atuais, como a identidade de gênero, da adolescência, do meio familiar e do social em que transcorre o drama humano: quem sou eu? O tema da identidade-subjetividade segue o mesmo, porém provoca novas reflexões sobre a constituição psíquica, configurando os destinos manifestados desde a psicopatologia do infantil até a estruturação da sexualidade, do narcísico à Édipo. Esse cenário é apresentado sob a forma da transsexualidade.

Victor, um adolescente, de corpo masculino, mas identificado com o feminino, luta para ser reconhecida e se reconhecer como tal. O filme é recheado de metáforas, mistérios e enigmas. Porém, está posto desde a primeira imagem, Victor se prepara para tornar o seu corpo biológico-somático-psíquico em feminino. O desafio imposto para alcançar essa identidade é enfrentar todas as adversidades manifestadas pelos limites entre a vida e a morte. E reconstituir-se com uma nova anatomia psíquica. O estranho desejo pelo feminino, como um novo caminho a ser reconfigurado e que possa se fazer representar, remontar um corpo simbólico. A história que assistimos é a caminhada sofrida para essa transformação. Desde o início, o filme nos remete para essas questões: quem será Lara?

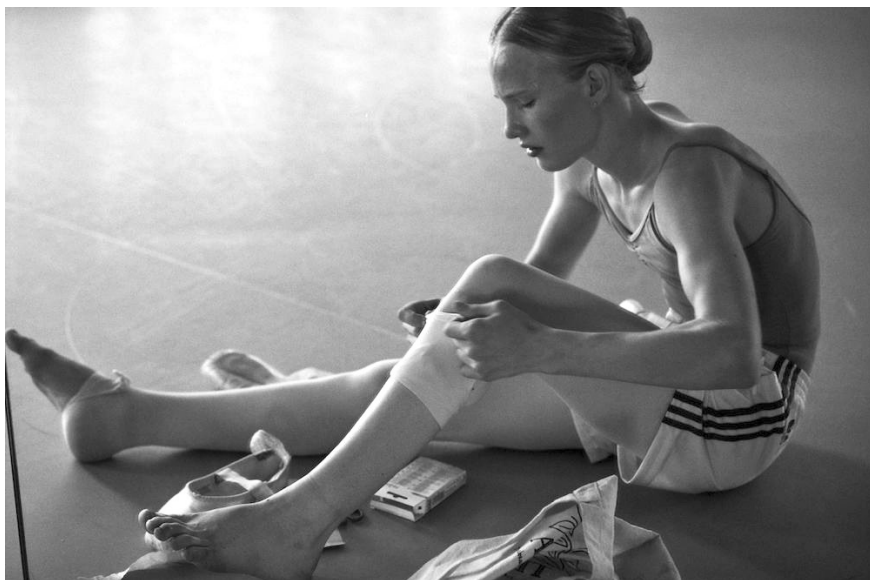
Ao alvorecer do dia, Milo sussurra chamando Lara, num chamego que parece ser de filho para mãe. O alvorecer, há uma certa bruma que me provoca uma imagem confusa. Quem são esses personagens? Lara brinca com Milo e alonga-se, até os pés. Coloca brincos, um momento

do alvorecer, fura as orelhas, como seus pés. Através de objetos símbolos, empenha-se para marcar sua mudança, seu desejo de tornar-se mulher. Metamorfoses: do local de residência da família, de escola (dela e de Milo) e de mudança do trabalho do pai. De conhecidos para estranhos, em busca de encontrar-se em diferentes lugares. O filme revela a face sofrida da transição dessas mudanças. Os diferentes personagens presentes e os ausentes, talvez, possam ser os representantes das partes do mesmo *self* ou da cultura que mostram o estranhamento, o impacto que remete às possibilidades que as configurações da bissexualidade podem se apresentar.

A trama se desenrola sobre a vida de Victor/Lara e o sofrimento de quem não aceita e “não vê” seu corpo. Concomitante, Lara/Victor está imersa no seu corpo narcisicamente, investimento que parece perdurar. Aparece revelar a dualidade que constitui os indivíduos humanos, que tem como destino, recomendado por Freud, o recalque de um dos caracteres sexuais. Lara, com 16 anos, em plena adolescência, tempo de estruturar sua identidade, expressa a bissexualidade, ainda presente. Quando essa é vivenciada com a castração e vinculada à conflitiva edípica, discrimina os sujeitos em ativo/passivos, castrados/fálicos e feminino/masculino.

O complexo da castração, estruturador da transição entre universo narcísico ao edípico (Paim Filho, 2019) ao exercer sua função organizadora, propicia a simbolização, no *après-coup*, o segundo tempo do trauma. Assim, são as condições para representação das vivências traumáticas, anteriores e, concomitantemente, constitutivas do psiquismo. Portanto, viabiliza significar as diferenças anatômicas entre os sexos, bem como as experiências de perdas e lutos. Contudo, Lara, aparenta enfrentar seu corpo com desmentida-forclusão, utilizando-se de tais defesas psíquicas, que são expressões que permitem pensar na possibilidade para suportar a dor da angústia de aniquilamento, do desamparo. É o corpo biológico que dará acesso ao corpo pulsional, a fim de ancorar a identidade, o vir a ser do enlaçamento psíquico.

Interrogo-me sobre o enigma da mãe ausente, pois, talvez, essa ausência seja o símbolo da origem maior provocadora do desamparo. Desamparo esse que é ressignificado no *après-coup* do trauma, onde a



angústia de castração ou medo da morte se presentifica. Se sou mulher, seria a mulher que me abandonou? Será que podemos pensar na identificação de Victor com “uma mãe morta?” (Green, 1980/1988, p. 246). Ficar no lugar dessa mãe-mulher? Uma perda-castração que não pode ser representada e necessita ser vivida por Lara, figurada no seu corpo. Ao se colocar no lugar dessa mulher abandonante, parece não perder, pois é a sombra do objeto perdido (Freud, 1917/2006). Há um silêncio sobre esse tema, mas um silêncio que gera inquietação, em que revela-se um falo, mesmo em ausência. Várias cenas revelam a falta materna: quando Lara dá o colo que aconchega Milo, seu irmão chora e agride, demonstra sentir-se excluído. O menino com uma expressão de angústia, denuncia Lara, ao lhe chamar pelo primeiro nome: Victor. Também aparece o ciúmes pelo pai, quando Lara ocupa o lugar no carro, ao lado dele o pai? ou a postura quando conversa. Mais destacado fica quando ela questiona quem é a mulher que o pai está se comunicando? E, por outro lado, ele parece gostar da investigação da filha-mulher. Em consonância o pai quer saber qual é o menino ou menina que Lara tem interesse. Jogos que provocam a confusão: quem é Lara? Personagens que representam Édipos e Jocastas. Essa trama familiar tem como base a sexualidade infantil, construída com os modelos parentais. Não se trata de uma escolha de desejos inconscientes. “Quando os pais delegam essa

tarefa, impossível, para seus rebentos, eles põem em cena os desejos filicidas, desamparo transvestido de liberdade, provável inscrição débil da castração, perpetuação da máxima de não alcançar as aspirações, não alcançadas pelos progenitores” (Paim Filho, 2019, p. 108).

Lara, pouco fala, mas seus gestos comunicam. Se propõe ao desafio de se tornar mulher de corpo e alma ao ser bailarina que é a metáfora mais imperativa. Uma carreira desafiadora, pois há necessidade de começar cedo para o desenvolvimento da leveza dos passos, do *pliê* ou dobrar-se, da plasticidade em enfrentar os limites da vida, até *pás de bourrée*, ou a troca de pé, um pelo outro, de aceitar quem eu não sou, castrações que levam enfrentar o Édipo, o selo de origem da incompletude. Falta leveza, diz a velha professora, com firmeza, porém com melodia, tornando-se portadora da realidade, de um corte, mas não menos tocada pela dor do outro. Há coisas que não podem mudar, diz ela. E mesmo que Lara mostre, com muita persistência, resiliência e disciplina, vive a dor para vir a ser uma bailarina, procura intensamente as expressões suaves e delicadas. Num som austero, pesado, sem música, o barulho da sapatilha tocando no chão, reflete a aspereza enfrentada por ela. É possível supor que é uma dor que nos remete ao masoquismo. É o anúncio da pulsão morte atuando no corpo e no corpo simbólico de Lara, pois na ponta dos pés, ponta que deforma, marca e rasga o corpo para deslizar nos palcos da melodia, o tom do feminino. Pés inchados, como Édipo que um dia denunciou quem era, filho e marido de Jocasta. Assim, podemos pensar em Lara, filha e esposa do pai, irmã e mãe de Milo.

Quando chega o aniversário de Lara o pai comemora a nova identidade, motivo para festejar aquele dia, um dia de renascimento. Lara silenciosa observa as comemorações. Sutilezas que transmitem que a luta ainda não está vencida. Lutas, dúvidas, sua experiência sexual é uma forma de ver, olhar o pênis do outro, como sendo o seu. Lembrando que:

nossas escolhas, não são uma escolha livre e arbitrária. Partindo da bissexualidade, enquanto conceito polissêmico, o destino das moções pulsionais é delineado inconscientemente em comunhão com as figuras parentais. São as identificações de um lado ou do outro, que em seu descompasso, resultarão na disposição sexual. (Paim Filho et al., 2018, p. 149)

Ainda sob outra perspectiva, Lara não é nada passiva. Luta pelo que deseja, perverte a castração. Carrega consigo o falo. Ao vestir-se como bailarina, tenta esconder-extirpar seu pênis e assim como machuca os seus pés, também acontece com seu órgão genital. Além da dor, da impossibilidade de urinar, Lara corre o risco de contrair alguma infecção, o que vem acontecer ao longo do filme. Portanto, há o impedimento para fazer a cirurgia, o passaporte para ser mulher. Consegue ser escolhida para representar a Fiona, uma princesa ogra, contudo não pode assumir. Masoquismo que desvela uma descarga pulsional letal. Tem que sentir na carne. É um tempo sem tempo, como no abuso da medicação para constituir-se no feminino, sem ter alcançado a leveza do *pliê*. Não suporta o tempo, a dor de não ter o pênis extirpado. Por isso decide com suas próprias armas.

Em várias cenas onde Lara está em atendimento especial com a velha professora, tem como sequência cenas que remete aos cuidados médicos. Estranha coincidência? Penso que talvez seja mais uma metáfora que tente mostrar o cuidado especial que Lara dispensava, forma de transformar o desamparo. Serão tentativas civilizatórias? Caminhos de um saber, que o desenvolvimento científico pode avançar, concomitante com a violência vigente. Aula especial para tornar-se bailarina, assim como médicos especiais para torná-la mulher biologicamente. Médicos que acompanham sua evolução, marcando o tempo para as transformações. Mostrando as possibilidades de um pênis virar vagina, porém ainda não há espaço para um útero. Tecnologias que também registram as evoluções e os alcances possíveis. Além do terapeuta que tentava mostrar-lhe que já é uma mulher. Penso aqui que o terapeuta não acompanhava os sentimentos de Lara, adiantava-se como por exemplo, na avaliação médica que diz que ela tem condições para fazer a cirurgia, ou que pergunta se ela já tem um rapaz que ela se interesse. Compreendo que Lara estava preocupada, neste período, no processo de tornar-se mulher, ainda num investimento narcísico, sem ter espaço para olhar o outro e, portanto, não em tempo de uma escolha objetual. Talvez, possamos ponderar que é a repetição do que o pai fazia. Quem sabe são manifestações inconscientes da bissexualidade humana,

projetada em Lara? Outra suposição que me ocorre é que no seu papel, seria importante afirmar seu destino.

Por outro lado, nem sempre a alteridade é mantida. Por ora, adolescentes interrogam-na até a humilhação e a violência para que Lara mostre seu corpo. É possível pensar na ansiedade provocada pela bissexualidade que Lara carrega, sendo a diferente e com maiores atributos que o grupo, portadora de um falo. Sentimentos que são atuados na adolescência. Mas, não só na adolescência, o professor da nova escola também representa o preconceito que atua na cultura. São cenas de um cotidiano, de um tempo nem tão atual, em que a intolerância com o diferente dá passagem para descarregar a agressão. Intolerância essa que nos remete à ignorância do estranho, esse estrangeiro que todos nós carregamos.

Tempos que precisam de espaço, de alvorecer de anos novos, para que as mudanças possam ser dar dentro dos limites de vida, contornos nem sempre tolerados. Tempo que Lara não conseguiu suportar, tentando ela mesma extirpar seu pênis, mas deixando seu masoquismo de vida prevalecer. Porém, 2018 é um tempo diferente da Copenhague de 1926, ano da garota dinamarquesa: Einar desejava ser Lili. Lili era a Lara. Entretanto, o destino de Einar foi outro...

Un ensayo sobre la película *Girl*: identidad-diversidad-quien soy yo?

Resumen: Este ensayo es una comprensión dinámica de la película *Girl* (2018), presentada por el autor en la Psb Psychoanalytic Society of Brasilia (septiembre de 2019). La película trata sobre la historia de una adolescente que intenta convertirse en mujer a través de una cirugía de resignación sexual. A través del ballet, Víctor representa el deseo de convertirse en Lara. El autor discute aspectos de la identidad-subjetividad psíquica en un drama humano, no tan actual, que se actualiza en la cultura contemporánea.

Palabras clave: identidade, bissexualidade, transexualidade, subjetividade, cultura

An essay on the film *Girl*: identity-diversity-who am I?

Abstract: This essay is a dynamic understanding of the film *Girl* (2018), presented by this author at the Sociedade Psicanalítica de Brasília (Psychoanalytic Society of Bsb) (September 2019). The film is about the story of a teenager trying to become a woman through sexual reassignment surgery. Through the practice of ballet, Victor represents the desire to become Lara. This author discusses aspects of the psychic subjectivity-identity in a human drama, not so current these days, but often updated in contemporary culture.

Keywords: identity, bisexuality, transsexuality, subjectivity, culture

Referências

- Dohnot, L. (Dir.) (2018). *Girl* [Drama]. Bélgica. Recuperado de: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Girl_\(filme_de_2018\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Girl_(filme_de_2018))
- Freud, S. (2006). Luto e melancolia. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 2, pp. 99-122). Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Green, A. (1988). A mãe morta. In A. Green, *Narcisismo de vida e narcisismo de morte* (pp. 239-273). Escuta. (Trabalho original publicado em 1980)
- Paim Filho, I. A., Fischer, M., Vasconcellos, M. C. G., & Klarmann, R. P. (2018). Édipo intimidade – de profano a profanado. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(4), 141-152.
- Paim Filho, I. A. (2019). *Inconfidência metapsicológicas das Unheimliche*. Sulina.

Regina Pereira Klarmann
reklarmann@gmail.com